

LXXXVI — Conclusões. — Equilibrios e virtudes sociais.

No campo em que ora nos movemos, o das conclusões, é que podemos pesar o valor do meu sistema ético, não só de um ponto de vista científico e racional, mas também de um ponto de vista *prático e utilitário*.

A concepção da *dor-redenção* constitue um grande auxílio moral; sua transformação de instrumento de pena em meio construtivo, sua utilização na conquista moral significa a valorização do que era objeto de repulsa, direi mais, de um dano, que a civilização não ha sabido eliminar. Sistema ético animador, otimista, mesmo nos casos mais dolorosos, construtivo, até nos casos mais desesperados. A concepção de *trabalho-dever* e *trabalho-missão*, de trabalho função biológica construtiva e função social — em vez da concepção dominante de trabalho-condenação dos desherdados e trabalho-ganho — necessidade moral, antes que necessidade económica, tem um poder enorme de coesão social. Todas as minhas afirmações sobre o significado da renúncia, da evolução das paixões e do amor, além de representarem um fermento de elevação do nível individual, formam a base das virtudes reconhecidas e resolvem todos os problemas tão difíceis da convivência, sendo assim, também, ciência de relações sociais; significam formação de consciência coletiva e impulsionam o funcionamento e a constituição da sociedade humana em organismo cada vez mais compacto. Desse modo, interessam imediatamente ao direito público e privado e podem tomar-se por base de uma *substancial filosofia do direito*. Hei posto no meu sistema um princípio de justiça sobre a base científica do funcionamento do universo. Isso, no campo social, significa ordem, respeito às autoridades, às quais unicamente toca, em plena responsabilidade, a função de dirigir. No campo moral, significa honestidade, retidão de motivações e de ações. A desigualdade das riquezas e das posições sociais não é injustiça, mas, apenas, diversa distribuição de trabalhos diversos, para especialização de tipos individuais, pois que toda a sociedade humana, queira-se ou não, é um organismo em formação, no qual *todos indistintamente obedecem a uma função própria*, que só ela justifica a vida. As virtudes podem ser esforço, mas esforço para aquela assimilação que as transformará em instinto e, portanto, em necessidade. Tal será a característica do super-homem futuro.

Falo para quem medita e falo em tempos de grande miseria moral, se bem já se ache aceso o facho da ressurreição. A natureza deste escrito sintético não me permite descer a particularidades. Mas, delineei todo o organismo lógico dos princípios e nele todas as consequências se contêm e automatica é a dedução. Dentro da vastidão da visão universal, puz no alto a méta do super-homem; po-

rém, levei em conta as condições de facto, que a psicologia dominante do tipo comum impõe, sem que, no entanto, lhe haja pedido mais do que as primeiras aproximações. Defini-lhe a posição e, portanto, o seu trabalho no campo evolutivo, apontando aos mais evolvidos os trabalhos mais elevados, para que cada um encontre a sua vida e a sua norma no caminho das ascensões humanas.

No cume, qual farol luminoso, coloquei o espírito do Evangelho, a mais alta expressão da Lei, dentro do que vos é concebível, e cuja compreensão significará a realização do Reino de Deus, da qual, para cada vez mais se aproximar, o homem luta no diuturno esforço da vida. Religião sintética do futuro, feita de força espiritual e de bondade, o meu sistema aceita fraternalmente qualquer fé, desde que seja fé, e a nenhuma condena, desde que sincera e colocada no seu lugar. A ciência é chamada a dar o seu apoio e dela me servi largamente para reforçar as afirmações do espírito. Superámos todos os exclusivismos preconcebidos, que decorrem dos interesses de casta, de nação, de raça. O meu sistema mergulha as raízes na eternidade e tem que ser universal, para sobreviver no tempo e não sofrer limitações de espaço. E', pois, verdadeiro em toda parte. Falo a todos os povos, a todas as nações, de todos os tempos, afim de que cada um encontre no meu sistema a sua posição e a senda de sua evolução. Eu sou espírito, não sou matéria; sou substância, não forma. Estas conclusões, pois, não tendem a concretizar-se em nenhuma forma própria de organização humana, mas a enxertar-se nas formas existentes, para as fecundar e enriquecer, para levantar as que descem pela senda do mal; para resplandecer em as que, no campo político, no religioso, no científico, no artístico, laboriosamente ascendem para a luz do bem.

Apenas peço grande sinceridade, profundo senso de retidão, decidida vontade de melhorar-se. A sociedade não poderá deixar de sentir-se beneficiada com estas afirmações, indiscutivelmente fecundas para o progresso individual e coletivo. Aqui não se parte do apriorismo de um ou de outro sistema político, para o antepôr e impôr. Uma visão universal não pode descer ao campo das competições humanas; uma verdade universal não se pode constringir nos limites de verdades menores, relativas a um povo e a um momento da sua evolução. Mas, não ha quem não veja que neste sistema entram *espontaneamente* todas as concepções políticas sãs, exequíveis, sinceras, todos os regimentos de ordem em que os povos retomam o caminho da ascensão e encontram a consciência da vida. Desses sistemas políticos sãos e exequíveis, esta síntese é a base natural, o fundamento mais sólido e mais vasto, a *concepção única e necessária*, para que eles não fiquem isolados no tempo, antes se conjuguem, como o funcionamento de uma sociedade, ao funcionamento orgânico do universo.

A minha ética racional e científica traçou os grandes cami-

nhos da vida individual e os traçará agora no *campo social*. Não impõe, não obriga. E' *racional*; presume falar a sérés racionais, quais pretendem ser os homens modernos. Não invoca os raios de Jove, nem as iras de um Deus vingativo; indica simplesmente as reações *naturais e inevitaveis* de uma Lei intima, inviolável, perfeita, supremamente justa. O homem, que no seio dela se move, é senhor de tornar, com a sua baixeza, infinitamente absurdo e inaplicável o Evangelho do Cristo, mas não o é de afastar de si todo o acervo de dores que esse seu baixo nível de vida implica e lhe impõe. Dei-vos a chave de todos os misterios. Se quiserdes agora ser maus (e o podeis, porque a liberdade é sagrada), inexoravelmente vossas serão as consequencias, porquanto inviolável é a lei de causalidade (responsabilidade).

Todo o suco pratico desta sintese poder-se-ia condensar nestas palavras: se evolução significa conquista de consciencia, de liberdade, de felicidade, e involução significa o contrario, na *baixeza da vossa natureza humana reside a causa de todos os males e na ascensão espiritual todo o remedio*. E' justa a aspiração á alegria e a felicidade pode existir; mister se faz apenas que a criatura se disponha ao trabalho de ganha-la. O Evangelho é uma senda espinhosa, mas só por ela se pode seriamente alcançar o paraíso, mesmo na terra.

Mudada se acha aqui toda a concepção hodierna da vida e sois obrigados, pela vossa ciencia, de cuja linguagem me servi sempre, a compreender e executar, por coerencia, essa mudança. Tive presente sempre o tipo predominante de homem e a inutilidade de apelar em muitos casos para os sentimentos de fé e bondade. Realizei por isso o trabalho ingrato de reduzir a grandiosa beleza do universo aos termos de um restrito racionalismo. Deveis agora conceber a vida e as suas vicissitudes, não como efeito imediato de forças acionadas pela vossa vontade atual, mas *como uma sucessão logica e inteligente de impulsos, conjugados, no tempo e no espaço, a todo o funcionamento organico do universo*. Não ha zonas caóticas de usurpação. Toda vida traz consigo um impulso; o destino tem um metodo racional no lance de suas provas e, para compreende-lo, necessário é que vos habitueis a conceber os efeitos, a longos prazos, na vossa vida eterna e não no instante presente, em que, ao contrario, vereis surgir, de causas desconhecidas, inexplicáveis efeitos.

Ha destinos de alegria e destinos de dor, destinos incolores e destinos titânicos; ha, estampadas no tempo, ofensas profundas á Lei, que pesam inexoráveis e despedaçam uma vida. Demonstrevos ser inutil clamor contra as causas proximas, e que cada um deve tomar e conduzir o seu fardo. Inuteis a rebelião, a ira, a inveja de outras posições sociais, o odio de classes, pois que toda posição é sempre a mais justa, a que mais convém ao progresso do

individuo. Demonstrei a presença de uma justiça substancial, apesar de todas as injustiças humanas, apenas exteriores e aparentes. Logo, cada um deverá achar-se satisfeito com o seu estado e esforçar-se por trabalhar nas condições em que o destino o colocou. Para vós, a base de uma vida se estabelece a *despeito da vontade e da consciencia do individuo*: produz-se por força da Lei. Se assim não fosse, quem vos induziria, sem possibilidade de evita-lo, a sofrer as provas necessarias ao vosso progresso? Quem ignora não pode influir no que é substancial.

Então, em vez de revoltar-se o homem contra o rico, só por não lhe poder imitar as culpas, em vez de estragar a vida com uma inutil agressividade desorganizadora, que força de coesão social não lhe faculta essa idéia de uma lei suprema que distribue por todos, com justiça, a dor e o trabalho, sob formas diversas! Que reconfortante fraternização não será então a vida! E isto não significa passividade, mas consciencia; não é a virtude de tudo sofrer sem reagir, mas a virtude de saber suportar uma dor merecida, para, sobretudo, aprender a não lhe semear novamente as causas. Desloca-se o centro do vosso juizo sobre as posições humanas. Ai daquele que se sente muito a gosto no ambiente terreno: isso significa que está aí o equilíbrio do seu peso específico espiritual. Bem-aventurados os que aí sofrem, os que têm fome de bondade e de justiça, porque ascenderão e encontrarão mais acima o seu equilíbrio. Rejubile aquele que sofre, porque será libertado. Lastimem-se os que gozam, porque volverão ao ciclo das misérias humanas.

Repitamos com o Evangelho: "Bem-aventurados os que são perseguidos! Ai de vós que sois aplaudidos pelos homens! Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados! Ai de vós que agora rideis, pois que um dia gemereis e chorareis!"

Estes conceitos trazem um sentido de ordem ao insolvel emaranhado dos destinos humanos, acalmam os dissídios sociais, cimentam a convivencia, representam uma força criadora dessas superiores unidades coletivas, que são as sociedades e as nações. E' esta a criação mais alta da evolução e dela trataremos precisamente no ápice desta exposição, como conclusão maxima. Estas normas que formam a taboa das virtudes (os valores mais elevados) individuais, ao mesmo tempo que determinam a evolução da consciencia do individuo, tambem representam as virtudes (os valores mais altos) coletivas. Porque, se virtude é sempre a norma que mais faz avançar no caminho da evolução (daí o ser o que ha de mais precioso, visto que corresponde ao interesse maximo), representa do mesmo passo o impulso construtor da organização social e da consciencia coletiva. Ha, portanto, não só o superhomem, mas a *superhumanidade*, não só a festa espiritual do triunfo biológico no individuo, mas uma sabedoria prática, construtora de vida social. As sendas, que tracei, da ascensão individual têm exatamente a fun-

ção de preparar o homem para saber viver em sociedade, em nação, em estado, dado que essas unidades superiores somente poderão existir, quando se haja produzido a formação completa da célula componente. E' nesta função coletiva que a consciência do indivíduo se enriquece de uma ciência de relações, de uma nova ordem de virtudes que impulsionam a evolução coletiva. Esta, com efeito, a característica basilar do conceito de virtude, do ponto de vista social.

LXXXVII — A Divina Providencia.

Nesta ordem de idéias, se ha lugar para a inconsciência individual, não o ha para a inconsciência do Criador. Em todos os casos, mesmo no do destino mais atroz, podeis acreditar na insipienteza e na malvadeza dos homens, porém, nunca na insipienteza e na malvadeza de Deus. Inutil maldizerdes de quem personifica as causas próximas da dor. Trata-se muitas vezes de instrumentos ignorantes, portanto, irresponsáveis, movidos até por causas existentes em vós, distantes e profundas. A vida é um gigantesca batalha de forças que precisam ser compreendidas, analisadas, calculadas. Ninguém pode invadir o destino de outrem; só no seu próprio destino pode cada um semear loucamente alegrias e dores. Uma vida substancialmente tão perfeita não pode estar sujeita a um capricho e ao prazer louco de se atormentar a si mesma alternativamente. Em tal ordem de idéias, é insensato maldizer e rebelar-se, tanto mais que isso nada altera, antes agrava o mal. Melhor é orar e compreender, porquanto a dor não cessa, senão depois de aprendida a lição que lhe justifica a presença.

Nesta ordem de idéias, pois, está logicamente situado o conceito de uma *Providencia Divina*, como facto objetivo e científicamente demonstrável. Se registrasseis em grandes séries o desenvolvimento dos destinos individuais, veríeis ressaltar uma lei em que se revela evidente a intervenção de uma força superior à vontade e aos conhecimentos dos indivíduos. O homem, ao envez, se comporta como se estivesse só, isolado no espaço e no tempo. A sua ignorância da grande Lei que tudo rege lhe faz acreditar que vive num caos de impulsos desordenados, abandonado às suas próprias forças, sendo estas sua única lei e seu único amparo. Seu egoísmo é um "salve-se quem puder", de todos contra todos, e ele permanece só, qual atomo perdido no grande mar dos fenômenos, sob o terror de ver-se triturado por forças gigantescas, agitando, para defender-se, os pobres braços, pequenina luz em meio das trevas. Refugia-se, então, na inconsciência do "carpe diem", que é a filosofia do desespero, cegueira intelectual e moral que uma ciência que nada conclui deixou intacta.

Cegueira, inconsciência, pois que, num universo onde tudo clama causalidade, ordem, indestrutibilidade, onde tudo é função, equilíbrio automático e justiça, onde tudo se acha ligado por uma rede de reações, tudo conjugado ao funcionamento do grande organismo, onde tudo tem uma razão de ser e é uma consequência lógica, onde é absurdo qualquer aniquilamento, seja no campo físico, seja no moral — loucura se torna o crer-se na possibilidade de uma violência, de uma usurpação, de uma só injustiça que o homem queira, ou que ele, que não passa de um ponto no infinito, possa impor a sua vontade, modificando a Lei universal.

Com a demonstração científica da ordem soberana, coloquieis em face do dilema: ou negar, aceitando a inconsciência, criando ao vosso derredor um mundo caótico, onde vos encontrais a sós com as vossas forças contra todos os fenômenos, ridiculamente rebeldes e tristemente perdidos num oceano de trevas — ou compreender e avançar, enquadrados no grande movimento, como soldados de um exército em marcha. Acha-se doravante demonstrada aqui a existência de uma ordem suprema; *não pode o homem, portanto, existir senão imerso na grande lei divina*. Isto lança ao rosto dos absurdos toda culpa, toda baixeza e torna altamente útil a senda das virtudes. *Tudo o que existe nasce com a sua lei, é a expressão de uma lei, não pode existir senão como desenvolvimento de um princípio, senão segundo uma lei*. Em cada forma, uma lei se vos deparará sempre, como sendo a sua alma, a sua substância, a única realidade constante, através de todas as transformações da ilusão exterior. A forma vem sempre em seguimento da lei que a guia e muda, para que se realize em ato. Todo momento resume o passado e contém a linha do futuro, assim nos organismos físicos, como no vosso organismo psíquico. O equilíbrio que vos ha sustentado até aqui, no presente, ao longo da viagem da eternidade, vos sustenta e guia agora para o futuro, sabendo e querendo, antes que saibais e queirais, com exclusão da vossa vontade e da vossa consciência.

Ao conceito limitadíssimo de uma força vossa individual, que guia os eventos, cumpre se sobreponha o conceito vastíssimo de uma justiça que impõe ao destino o equilíbrio e as compensações. No seu seio, violência, usurpação nada mais são do que absurdas antecipações de um átimo, que depois se hão de pagar com exatidão matemática; no seu seio está e age a *divina providencia*, não uma providencia no sentido de guia pessoal, da parte da Divindade, no sentido de uma ajuda arbitrária que se possa solicitar sem a merecer e capaz de poupar o inevitável esforço da vida; mas, uma providencia momento da grande Lei, permeada de equilíbrio, aderente ao mérito, mantida por continuas compensações, que levantam aquele que cai, se mereceu ascender, e abatem aquele que sobe, se mereceu descer. E' um princípio de ordem, uma força de nivelamento.